



## Tensão no Oriente Médio

# Estado Islâmico reivindica autoria de atentado que matou 84 no Irã

— Organização terrorista sunita tem histórico de ataques contra xiitas iranianos; ataque ocorreu durante homenagem a general morto por um drone dos EUA em 2020

TEERã

O grupo terrorista Estado Islâmico reivindicou ontem a autoria do atentado que matou 84 pessoas na cidade de Kerman, no Irã, na quarta-feira, durante uma procissão em homenagem ao general Qassim Suleimani, assassinado por um drone americano em 2020.

Na quarta-feira, autoridades iranianas haviam calculado o número de mortos em 103, mas o ministro do Interior, Ahmad Vahidi, disse que 84 pessoas haviam morrido e 284 ficaram feridas. Ele afirmou que muitos corpos foram desmembrados em razão de duas fortes explosões, o que levou a uma imprecisão na contagem inicial, que foi revista por especialistas forenses.

De acordo com uma publicação na conta oficial do Estado Islâmico no Telegram, o ataque em Kerman foi uma “dupla operação de martírio”. O post descreve como dois militantes se aproximaram do túmulo de Suleimani e detonaram cintos explosivos no local onde está enterrado o “líder hipócrita”.

**GENERAL.** Suleimani era um oficial militar iraniano reverenciado e temido, que foi o arquiteto de uma aliança xiita liderada e financiada pelo Irã em todo o Oriente Médio. Suas operações envolviam a organização e o financiamento do governo da Síria e de grupos como o Hezbollah, no Líbano, o Hamas,

em Gaza, as milícias xiitas no Iraque e os houthis, que lutam uma guerra civil no Iêmen.

O EI é uma organização sunita. Sua missão é matar muçulmanos apóstatas, inclusive xiitas. O Irã é um país de maioria xiita, liderado por um governo teocrático comandado por clérigos. Em comunicado, o EI identificou os dois terroristas como Omar al-Mowahid e Sayefulla al-Mujahid.

Autoridades investigam as explosões. Até então, a versão oficial era a de que duas bombas haviam sido detonadas por controle remoto com 15 minutos de intervalo. Elas estavam escondidas em sacolas. Uma a 700 metros do túmulo de Suleimani e outra, a quase 1 quilômetro, no cemitério da cidade.

O atentado foi o mais mortal no Irã desde a Revolução Islâmica.

**Divergência**  
**O Estado Islâmico ameaça constantemente o regime xiita iraniano, acusado de ser politeísta e apóstata**

mica, em 1979, e o mais recente episódio da campanha sangrenta do EI contra o regime iraniano, que é considerado um inimigo sectário, assim como a coalizão liderada pelos EUA, que ajudou a derrotar o grupo na Síria e no Iraque.

O EI ameaça repetidamente o Irã em razão de um suposto politeísmo e apostasia — acusa-



Memorial às vítimas do atentado em Kerman montado diante da embaixada iraniana em Paris

ções comuns feitas por setores mais radicais do sunismo. O grupo terrorista reivindicou a responsabilidade por vários ataques ao país. O mais recente ocorreu em outubro de 2022, quando um homem armado matou 13 pessoas em um santuário na cidade de Shiraz.

**HISTÓRICO.** Na ocasião, uma declaração do EI reivindicando a responsabilidade pelo ataque dizia que o objetivo era simplesmente “matar xiitas”, enquadrando o atentado como a continuação de um antigo confronto entre sunitas e xiitas, cujo

cisma religioso remonta a uma disputa do século 7.º sobre quem seria o herdeiro legítimo de Maomé.

Em junho de 2017, em Teerã, homens armados abriram fogo dentro do Parlamento e homens-bomba atacaram simultaneamente perto do mausoléu do aiatolá Ruhollah Khomeini, ex-líder supremo do Irã e fundador da teocracia iraniana — 17 pessoas morreram.

O EI também reivindicou um atentado em setembro de 2018 na cidade de Ahvaz, onde homens armados dispararam contra a multidão durante um

desfile militar, matando 25 pessoas. Autoridades iranianas já disseram várias vezes terem frustrado mais de dez ataques do Estado Islâmico.

Inicialmente, alguns líderes iranianos culpavam Israel pelo ataque, alimentando o temor de que a guerra em Gaza pudesse virar um conflito regional. Mas muitos no Ocidente questionaram essa tese, afirmando que, embora Israel realize operações secretas no Irã, elas geralmente são contra indivíduos específicos, cientistas ou autoridades, ou ataques contra instalações nucleares. ● NYT

## Alto risco

## Ataque dos EUA mata líderes de milícia pró-Irã em Bagdá

BAGDÁ

Pelo terceiro dia consecutivo, o Oriente Médio viveu uma escalada na tensão. Ontem, os EUA atacaram alvos ligados ao Irã, no Iraque. Um dos líderes do Hashd al-Shaabi (Forças de Mobilização Popular), facção iraquiana aliada de Teerã, morreu em um bombardeio de dro-

ne contra um edifício em Bagdá. No sul do Líbano, na cidade de Naqura, quatro militantes do Hezbollah foram mortos em um bombardeio — o Irã acusou Israel e EUA pela ação.

Os ataques de ontem ocorreram dois dias depois de um bombardeio em Beirute ter matado o número dois da ala política do Hamas, Saleh al-Arouri. Ontem, um atentado matou

84 pessoas no Irã, durante uma homenagem ao general Qassim Suleimani, um dos líderes da Guarda Revolucionária, assassinado pelos EUA em 2020.

**RESPOSTA.** Os EUA acusaram ontem as Forças de Mobilização Popular (FMP) de orquestrarem ataques contra alvos americanos no Oriente Mé-

dio. O ataque provocou revolta no governo iraquiano, que falou em “escalada perigosa do conflito”. A FMP emitiu uma declaração admitindo que seu vice-chefe de operações em Bagdá, Mushtaq Taleb al-Saidi, também conhecido como Abu Taqwa, havia sido morto “em consequência de uma brutal agressão americana”.

Desde o início da guerra entre Israel e Hamas, em 7 de outubro, um grupo de milícias apoiadas pelo Irã, que se autodenominam “Resistência Islâmica no Iraque”, realizou mais de 100 ataques a bases e posições dos EUA no Iraque e na Síria, no que eles alegam ser

represálias pelo apoio dos americanos aos israelenses. O arco de alianças na região mostra a dimensão que a guerra pode alcançar, caso extrapole as fronteiras de Gaza.

**CONTROLE.** Ontem, o ministro da defesa de Israel, Yoav Gallant, disse que não haverá presença civil israelense em Gaza e garantiu que organizações palestinas estarão “no comando” do território após o fim do conflito. “Os residentes de Gaza são palestinos. Portanto, órgãos palestinos estarão no comando, com a condição de que não haja ações hostis ou ameaças contra o Estado de Israel”, disse o ministro. ● AP e NYT